



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC**

MARIA DA SILVA SANTOS

**PLANTAS MEDICINAIS: SABERES E USOS NA ESCOLA DO CAMPO DA
COMUNIDADE TINGUIZAL, MONTE ALEGRE - GO**

**Planaltina - DF
2015**

MARIA DA SILVA SANTOS

**PLANTAS MEDICINAIS: SABERES E USOS NA ESCOLA DO CAMPO DA
COMUNIDADE TINGUIZAL, MONTE ALEGRE - GO**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília/
Faculdade UnB Planaltina – DF, no curso de
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Educação do Campo na área de
Ciências da Natureza e Matemática.

Orientadora: Dr^a. Regina Coelly Fernandes Saraiva

Planaltina – DF, 2015

SANTOS, Maria da Silva. Plantas medicinais: Saberes e usos na Escola do Campo da Comunidade Tinguizal, Monte Alegre - GO. Planaltina - DF. 2015. 61 f.

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Dr^a. Regina Coelly Fernandes Saraiva

1. Educação do Campo e os Saberes da Comunidade Tinguizal. 2. As Plantas Medicinais da Comunidade Tinguizal. 3. O Uso das Plantas Medicinais no Ensino de Ciências na Comunidade Tinguizal. I. SANTOS, Maria da Silva. II. Plantas medicinais: Saberes e usos na Escola do Campo da Comunidade Tinguizal, Monte Alegre - GO.

MARIA DA SILVA SANTOS

**PLANTAS MEDICINAIS: SABERES E USOS NA ESCOLA DO CAMPO DA
COMUNIDADE TINGUIZAL, MONTE ALEGRE - GO**

Monografia de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo,
defendida em Dezembro de 2015 e aprovada com nota _____ pela Banca
Examinadora.

Dr^a. Regina Coelly Fernandes Saraiva
(Orientadora)

Examinador (a): Tamiel Khan Baiocchi Jacobson

Examinador (a): Dulce Maria Sucena da Rocha

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha filha Jaqueline Ferreira, ao meu namorado Adão Fernandes, a minha família, e a todos os moradores da comunidade Tinguizal, em especial aqueles que contribuíram no processo de desenvolvimento da minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, não por este curso em fase de conclusão, mas pela capacidade de poder lutar pelos nossos sonhos, transformando nossa realidade que ao longo de anos foi de sofrimento, principalmente pela falta de oportunidade de estudar.

Agradeço a minha filha Jaquelinne pela compreensão e força nesta caminhada de quatro longos anos de luta.

A meus pais Jose e Natalina, que por tantos percalços já passaram, mais que porém nutriram e nutrem suas esperança de ver seus filhos formados e representando a comunidade.

Agradeço á meu namorado Adão Fernandes pelas contribuições e força nos momentos de alegria e tristezas.

Agradeço muito aos meus irmãos Ana Lina, Alberto, Cecília, Claudio, Evangelina, Janaina e Junizé por estar sempre ao meu lado me incentivando e me dando forças pra não desistir dessa jornada.

Aos educadores da LEdoC, que não mediram e não medem esforços para nos promover por meio do conhecimento acadêmico e científico em comum acordo com nossos saberes e nossa identidade cultural.

Agradeço aos meus colegas pela força que me deram nos dias difíceis, nos dias em que precisei de um ombro amigo, os quais foram muitas vezes, em especial a Rosilda Coutinho pela força de vontade em estar me ajudando nesse trabalho.

Por fim quero agradecer a todos que estiveram diretamente ou indiretamente envolvidos no meu processo de formação durante estes quatro anos de árdua luta

O conhecimento tradicional pode ser entendido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração e somente pode ser corretamente interpretado dentro do contexto cultural em que é gerado.

Antônio Carlos Diegues

RESUMO

Esta pesquisa de cunho etnográfico e qualitativo é sobre as plantas medicinais da comunidade Tinguizal, a sua importância, uso e preservação dos valores que as envolvem. A pesquisa na abordagem exploratória é uma breve análise dos saberes populares tradicionais na Comunidade Tinguizal. O intuito deste trabalho é dialogar com o saber científico da escola, refletir sobre a prática de ensino nas aulas de ciências mediando o ensino voltado para a significação da vida e dos valores dos educandos quilombolas. Além de objetivar a preservação dos valores acima citados, a pesquisa tem como objetivo intervir no fazer pedagógico da escola local propondo atitudes e atividades que atentem as tradições do grupo social a que está inserida, de modo a favorecer aos seus educandos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, o direito, o respeito, as suas crenças, costumes, práticas cotidianas dentre outros. Dessa forma o ensino provocará reações e transformações positivas em relação ao meio ambiente e também nos aspectos social, cultural e econômico. Assim sendo, os dados da pesquisa foram coletados através de investigação estruturadas em forma de questionário aplicado aos moradores da comunidade e a um professor de ciências da Escola Municipal Tinguizal - Extensão Calunga II. Com base nisso, a pesquisa de cunho etnográfico e qualitativo apontada por (LAKATOS e MARCONI, 1999) e Borelli (1992) vem a propósito na perspectiva de investigar, interpretar e analisar meios de preservação e perpetuação do conhecimento tradicional sobre o uso das plantas medicinais. De acordo com os resultados obtido na pesquisa, observamos que a escola ainda não vinculou abordagens mais precisas das culturas tradicionais da comunidade na parte diversificada do currículo e no seu fazer pedagógico de modo que este seja parte da formação humana dos sujeitos do campo.

Palavras – Chave: Plantas Medicinais, ensino, Tinguizal Kalunga, saberes e educação.

ABSTRACT

RESUME

This ethnographic and qualitative research is about the medicinal plants of Tinguizal community, its importance, use and preservation of the values that surround them. The research in the exploratory approach is a brief analysis of traditional folk knowledge in the Community Tinguizal. The purpose of this work is to dialogue with the scientific know school, reflect on the practice of teaching in science classes mediating teaching focused on the meaning of life and the values of maroon students. In addition to aim the preservation of the above values, the research aims to intervene in the pedagogical local school proposing attitudes and activities that violate the traditions of the social group to which it operates in order to further her students the 6th and 7th year of primary education, the law, respect the beliefs, customs, daily practices among others. Thus teaching provoke reactions and positive changes in relation to the environment and also in social, cultural and economic. Therefore, the survey data were collected through structured research in the form of questionnaire applied to community residents and a science teacher of the School Tinguizal - Extent Calunga II. Based on this, the ethnographic and qualitative research pointed to by (Lakatos and Marconi, 1999) and Borelli (1992) comes to purpose with a view to investigate, interpret and analyze preservation of resources and perpetuation of traditional knowledge on the use of medicinal plants . According to the results obtained in the research, noted that the school has not linked more accurate approaches of the community's traditional cultures in diverse part of the curriculum and its pedagogical practice so this is part of human formation of the subjects of the field.

Key - Words: Medicinal Plants, teaching, Tinguizal Kalunga, knowledge and education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Brêdo Rôcho

Imagem 2 - Algodão Caseiro

Imagem 3 - Boldo

Imagem 4 - Bassorinha/Vassourinha

Imagem 3 - Chapada

Imagem 4 - Erva Cideira

Imagem 5 - Alfavaca

Imagem 6 - Fedegoso

Imagem 7 - Gervão

Imagem 8 - Goiaba

Imagem 9 - Kalunga/Calunga

Imagem 10 - Mamão

Imagem 13 - Pimenta Janbarandi

Imagem 14 - Pequi

Imagem 15 - Quina

Imagem 16 - Romã

Imagem 17 - Erva Santa Maria

Imagem 18 - Xiôô/Manjericão de Cheiro

Imagem 19 - Mapas de acessos e localização

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Registro de plantas medicinais do Tinguizal, feito a partir das entrevistas realizadas com duas senhoras moradoras da comunidade.

Tabela 2 - Relatório das aulas interdisciplinares em outra área do conhecimento- Ciências do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental.

Tabela 3 - Plano de aula sobre plantas medicinais: Saberes e usos

Tabela 4 - Receitas de remédios feitas de ervas medicinais, colhido através de aula de campo pelos alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental.

LISTA DE SIGLAS

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ARCAFAR – Associação das Casas Familiares Rurais

BNC – Base Nacional Comum Curricular

CIEMA - Ciências da Natureza e Matemática

CNBB – Confederação dos Bispos do Brasil

CONTAG – Confederação Nacional do Trabalhador e Trabalhadora na Agricultura

DF – Distrito Federal

EdoC – Educação do Campo

EF – Ensino Fundamental

FUP – Faculdade UnB Planaltina

GO - Goiás

IOC – Inserção Orientada na Comunidade

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

MST - Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem - Terra

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

TC – Tempo Comunidade

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UnB – Universidade de Brasília

UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I	19
TINGUIZAL E SABERES SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS.....	19
1.1. Importância das plantas medicinais no Tinguizal.....	23
CAPÍTULO II	29
A EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS SABERES TRADICIONAIS	29
2.1. Breve histórico da Educação do Campo	29
2.2. A prática pedagógica da educação do campo.....	32
CAPÍTULO III	34
O CONHECIMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS NA ESCOLA DA COMUNIDADE TINGUIZAL.....	34
3.1. Perspectivas da educação quilombola por meio de uma mediação de saberes populares e científicos na comunidade Tinguizal, em especial nas aulas de Ciências	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46
ROTEIRO DE ENTREVISTAS	48
ANEXO I: Plano de aula sobre plantas medicinais: saberes e usos	49
ANEXO II: Imagens de plantas pesquisadas	53
ANEXO III: Mapas de acessos e localização	60

INTRODUÇÃO

Os estudos quando relacionados às tradições quilombolas, deve seguir um roteiro de forma que não se perca frente a diversidade e riqueza cultural existentes em comunidades tradicionais como é o caso do Tinguizal, e por isso, é válido lembrar que as mesmas possui um rico conhecimento de cultura ancestral e que essa cultura tem dado base na resistência e construção de parte da sociedade brasileira, bem como na significação de determinados espaços territoriais dos povos remanescentes de escravos.

Considerando esse pressuposto, a comunidade Tinguizal como espaço de resistência dos povos quilombolas ao longo dos tempos veio desenvolvendo habilidades de conhecimento e uso sobre a flora local e uma destas habilidades se resultou na afinidade com as plantas que servem como medicina para a população local e outros. Com o alargamento dos conhecimentos e fazeres tradicionais sobre as plantas medicinais desses povos, o território Kalunga nas últimas décadas tem recebido sujeitos pesquisadores de várias áreas da ciência, mais não tem recebido apoio com os materiais de pesquisa que contribuam no desenvolvimento da população em especial no contexto da educação.

Visto isso, o presente trabalho irá mapear, registrar os nomes populares das plantas medicinais da comunidade Tinguizal e a importância das mesmas e contribuir com esse conhecimento tradicional da comunidade para que ele possa ser trabalhado na escola, estimulando os jovens da comunidade a valorizar sua cultura, suas raízes e suas identidades.

A pesquisa pretende responder os seguintes questionamentos: Quais são plantas medicinais mais usadas pela comunidade Tinguizal? Quais significados são dados para o uso de plantas medicinais na comunidade Tinguizal? Que fatores levaram a comunidade Tinguizal a usar plantas medicinais? O que está levando a perda desses saberes sobre as plantas medicinais na comunidade Tinguizal? A escola da comunidade realiza algum trabalho voltado para o uso das plantas medicinais? Que encaminhamentos pode-se sugerir para que possa ocorrer em sala de aula uma mediação de saber nas aulas de ciências em comum acordo com os saberes locais, em especial do uso de plantas medicinais?

É importante que se conheça a diversidade das plantas medicinais, pois historicamente, os povos quilombolas vem tendo uma forte ligação com a natureza e com a preservação da vida em vários aspectos. Para Moura (2007), os quilombolas também passaram a conhecer naqueles lugares de Cerrado, a utilidade das plantas, que servissem como remédio na cura de enfermidades. Na comunidade Tinguizal, o número de plantas medicinais que eles sabem utilizar é extraordinário, parte desse conhecimento das plantas eles aprenderam com os índios.

A trajetória histórica da comunidade Tinguizal, revela uma longa história cheia de mistérios, desafios e lutas. Ainda hoje é possível perceber que os moradores desta comunidade usam plantas medicinais para curar doenças. Vale ressaltar que antigamente o uso dessas plantas eram mais comum, pois os moradores da comunidade não conheciam outros tipos de remédios. Hoje, as plantas não são usadas como antes, talvez devido ao fácil acesso à medicamentos farmaceuticos.

Muitas destas questões de pesquisa justifica-se por meio de reflexões levantadas e que ecomeçaram a fazer sentido a partir do momento em que, no curso de Educação do Campo, passamos a discutir certos elementos que compõe a cultura popular.

Chama a atenção o fato da escola da comunidade ainda não realizar atividades que possibilitem o resgate da cultura dos remédios caseiros, feitos a partir do conhecimento dos mais velhos. O que quer dizer é que a escola, situada no campo deveria se atentar para estas questões, que são muito importantes para a comunidade. Uma escola do campo deve construir seu conhecimento a partir da comunidade.

A pesquisa sobre o uso das plantas medicinais: Saberes e usos na Escola do Campo da Comunidade Tinguizal, Monte Alegre – GO, diz respeito ao interesse gerado por essa tradição e pela vivência na comunidade, usando as ervas medicinais. Esse aspecto gerou a curiosidade em conhecer e aprofundar estudos sobre o uso de plantas medicinais nesta comunidade, e identificar como os professores de ciências levam/trabalham com esses conhecimentos kalunga para dentro da sala de aula.

É importante ressaltar que o trabalho foi realizado por meio de inserção orientada na escola e na comunidade, como requisito exigido pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) **no tempo (TC-07) e em vários outros momentos da minha formação. Ademais, foi também através de momentos da prática educativa na escola acima referida a qual estou inserida, além da realização de entrevistas com moradores da comunidade.**

Na comunidade as pessoas têm o costume de usar plantas medicinais. Só que essa tradição está sendo quebrada, pois as pessoas estão substituindo este método por remédios de farmácias. Vale ressaltar que não existem registros escritos de receitas dos usos mais comuns das plantas medicinais; fazer esses registros é parte dos objetivos de pesquisa; antes que esses saberes sejam apagados da memória.

Também é uma intenção fazer com que esse trabalho ajude a enriquecer os materiais didáticos da escola. Considera-se uma grande contribuição passar os saberes dos nossos antepassados para as novas gerações, além de está resgatando e reforçando a cultura local.

Atentando um pouco para o contexto histórico da comunidade Tinguizal, é importante enfatizar que o povo desta comunidade viveu isolado por muitos anos, sem contato com a civilização e resistiram até os dias atuais, mantendo alguns de seus costumes e tradições. De acordo com **Baiocchi (1999)** esse povo possui uma cultura diversificada, influenciada pelos africanos e pelos colonizadores.

Dessa forma, acreditamos que esse estudo contribuirá de forma significativa para as pessoas da comunidade Tinguizal, pois irão conhecer suas origens e conscientizar da importância de conhecer as tradições Kalunga.

Os registros dessas receitas poderão ser repassados para as gerações futuras. Vale frisar que os relatos quando são registrados têm menos possibilidades de serem apagadas com o tempo. Porém, esse trabalho está sendo desenvolvido no intuito de contribuir no resgate da cultura das plantas medicinais a partir de atividades organizadas e realizadas pelos professores da escola da comunidade.

A contribuição desse estudo para a comunidade também reforça a importância da pesquisa, pois irá propor um novo olhar sobre sua cultura e tradição. Por meio da pesquisa também será possível aspectos que marcam as origens e fatores que influenciaram a formação cultural da comunidade Tinguizal, realizando um resgate histórico-cultural e dos usos curativos das ervas medicinais.

De acordo com a Resolução da Diretoria Colegiada no. 48/2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA¹, os fitoterápicos são medicamentos preparados exclusivamente com plantas ou partes de plantas medicinais (raízes, cascas, folhas, flores, frutos ou sementes), que possuem propriedades reconhecidas de cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento sintomático de doenças, validadas em estudos etnofarmacológicos, documentações tecnocientíficas ou ensaios clínicos. Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia as plantas medicinais estão tendo seu valor terapêutico pesquisado e ratificado pela ciência e vem crescendo sua utilização recomendada por profissionais de saúde (AMOUS, SANTOS, BEINNER, 2005).

Ao longo de todas as etapas desta pesquisa pretende-se registrar os conhecimentos e saberes sobre as plantas medicinais do Cerrado e de quintal na comunidade Tinguizal; identificar como a escola trabalha ou não com as plantas medicinais nas aulas de Ciências; identificar fatores que influenciaram a comunidade Tinguizal a usar as plantas medicinais; resgatar e registrar as receitas de plantas medicinais usadas pela comunidade Tinguizal; identificar como as novas gerações recebem esse conhecimento na escola, especialmente nas aulas de Ciências.

Para alcançar os objetivos deste projeto de pesquisa foi realizada uma pesquisa exploratória, levantamento bibliográfico e entrevistas. Para a realização da pesquisa foi necessário utilizar técnicas de pesquisa bibliográfica: realizar leituras em diferentes fontes; produzir resenhas e fichamentos referentes ao tema de pesquisa.

O objetivo da pesquisa bibliográfica é levantar o conhecimento disponível sobre o tema estudado. Esse método consiste em descrever as fontes de pesquisa e o processo de estudo, pois possibilita pesquisar e conhecer as teorias

produzidas, analisa-las e avalia-las, apontado suas contribuições para compreender ou explicar o seu problema objeto de investigação (LAKATOS e MARCONI, 1999).

A pesquisa também exigiu trabalho de campo e entrevistas realizados com moradores e professores da comunidade Tinguizal, onde os mesmos relataram receitas usadas nesta comunidade e se esses saberes são trabalhados na escola. Para realização das entrevistas foram escolhidas três pessoas, sendo todas mulheres e entre elas duas senhoras uma de 60 anos a outra de 70 anos e uma jovem de 22 anos a qual exerce a função de educadora da escola onde foi realizado as aulas com as turmas de 6º e 7º ano como parte complementar deste trabalho de pesquisa. Neste embate, as entrevistas foram realizadas ao longo dos meses de Agosto e Setembro a fim de trazer os resultados para minha conclusão do curso LEdoC neste ano de 2015.

Segundo Borelli (1992), as entrevistas de histórias orais são tomadas como fonte para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos e de registros. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas relativas ao tema investigado. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memória, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

O trabalho com a metodologia de história oral é muito interessante, pois compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores aos registros dos depoimentos. É importante salientar que as entrevistas é o roteiro que inicia todo esse trabalho.

Na escola Municipal Tinguizal. Extensão Calunga II foi realizado um levantamento do projeto político pedagógico e acompanhamento das aulas de Ciências com as turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental com um total de 14 alunos sendo 8 da primeira série citada e 6 da série seguinte e ambos em uma mesma sala devido a escola atender por multiseriação. Isso contribuiu no

diagnóstico feito pelo pesquisador no intuito de entender como os saberes das plantas medicinais do Cerrado conhecidas na comunidade são exploradas durante as aulas no tempo letivo realizado no período vespertino do trabalho educacional da escola ou se não estão explorando esse conhecimento. Foi realizado também entrevista com a professora de Ciências da escola, para melhor entendimento desta questão no ato do uso do conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais na Educação.

Com base no referido acima, encerramos aqui a introdução com o objetivo de tratarmos no capítulo 1 sobre a Educação do Campo e os Saberes da Comunidade Tinguizal, no capítulo 2 falaremos das plantas medicinais da comunidade e por fim no capítulo 3 abordaremos o uso dessas plantas no ensino de Ciências na comunidade Tinguizal. Neste contexto, usaremos os teóricos que servirão de base no decorrer de todo o trabalho desenvolvido sendo eles: Baiocchi 1999; Sariva,2006; Monte Alto, 2012); Caldart, 2012 e Sacristan 2000

CAPÍTULO I

TINGUIZAL E SABERES SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS

Para a antropóloga Baiocchi (1999), durante a extração do ouro no município de Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, fundados entre 1740 a 1769, teve origem a comunidade Tinguizal. Grande parte dos moradores do Tinguizal veio desses municípios.

A comunidade Tinguizal está localizada no município de Monte Alegre, Goiás, numa área de difícil acesso, aproximadamente 78 km da sede do município.

Baiocchi (1999) afirma que a história do povo Kalunga remonta ao final do século XVII, momento que os primeiros africanos (escravos) foram trazidos pelos portugueses, para colonizar vários estados brasileiros, inclusive as regiões de Cavalcante e Monte – Goiás.

Foi no final do século XVII e o começo do século XVIII que os bandeirantes descobriram o ouro e pedras preciosas em Goiás, iniciando assim a colonização dessa porção do território. No momento em que a atividade mineradora entrou em declínio, muitos garimpeiros partiram de Goiás, deixando para trás muitos escravos, inclusive alguns velhos. Com medo de que os colonizadores voltassem para buscá-los, esses antigos escravos fugiram e esconderam nas matas, em busca de lugares de difícil acesso formando “quilombos”, que eram acampamentos de ex-escravos, dando origem às comunidades chamadas Kalunga.

Os kalungas ao chegarem naquelas terras começaram a conviver com tribos indígenas que resistiram à escravidão. Não foi fácil a convivência entre eles, mas com o passar do tempo os Kalungas acabaram se mesclando com os índios, herdando alguns de seus costumes e ali sobreviveram escondidos por mais de 200 anos sem contatos com a civilização (Baiocchi, 1999).

Os negros remanescentes de quilombos resistiram até os dias atuais, mantendo alguns de seus costumes e tradições, sendo que algumas foram rompidas. Os Kalungas possuem uma cultura diversificada, onde suas manifestações artísticas integram-se ao seu cotidiano e à natureza por meio da produção de artefatos de couro, madeira, barro e do buriti (planta nativa da região).

É importante observar que Baiocchi ajudou a comunidade Kalunga a conhecer suas origens e se libertar do preconceito e das humilhações sofridas por povos de outras regiões. A antropóloga foi muito importante para a comunidade, pois orientou os kalungas a reivindicarem seus direitos como educação e saúde, bem como coordenou e orientou o projeto de valorização e preservação da memória desses povos. De acordo com essa autora o povo Kalunga é uma comunidade de negros originalmente formadas por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e formaram um quilombo naquela época por todas as regiões de todo o país brasileiro, e que essas áreas que eles ocuparam só foram reconhecidas oficialmente em 1991.

O povo Kalunga é hoje reconhecido como parte do patrimônio maior da cultura brasileira devido suas histórias de lutas e resistências às precariedades de vida, que começou lá longe desde da época da escravidão. Mais não tem ganhado mérito no desenvolvimento do cidadão justamente pela ausência de Educação nos quilombos do sertão.

Baiocchi salienta ainda que a aprovação da Lei Federal 10.639/2003 houve um estabelecimento de obrigatoriedade do desenvolvimento destas comunidades através do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica, mais o que se tem visto é que nestas comunidades o povo continuam sofrendo com a ausência de educação básica de qualidade que se preocupa com a vida cotidiana dos sujeitos, suas raízes quilombolas, suas identidades e que os ajudem a evoluir como sujeitos vivos na formação da sociedade.

A comunidade Tinguizal, como todas as outras comunidades que abrangem o Sítio Histórico e Cultural do Quilombo Kalunga, é uma comunidade pacata, porém viva em suas expressões culturais. A cultura é marcante, composta de vários significados, cores, sons, formas e sabores.

As famílias da referida comunidade ainda preservam costumes simples de vida no campo. As Folias de Reis, São João e outros Santos cantam a fé e a vida cotidiana em cantos e cantigas de roda. As danças, como a súa ou sussa, a curradeira e outras, também retratam fé e costumes locais. As rezas e benzimentos misturam fé e cuidados com a vida espiritual e com o corpo físico. Os chás e as

garrafadas são comuns e parte da realidade cotidiana e tem espaço e respeito em outras comunidades rurais e urbanas, sendo constantemente solicitados das famílias da comunidade para atender pesquisas e demandas na região e até para outros estados.

A cultura é uma forma de interpretar o mundo; essa interpretação é complexa, pois cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação. Desse processo emerge diversidades, multiplicações de expressões como resultado de experiências de homens e mulheres com o seu meio, com o seu grupo e com o mundo. (SARAIVA, 2006, p. 47)

Na comunidade Tinguizal residem aproximadamente cerca de 40 famílias oriundas dos escravos, e, é comum observar senhoras recolhendo ervas ou plantas medicinais e produzindo garrafadas como se costumam chamar seus remédios, para uso ou venda atualmente na cidade, em alguns casos elas vendem também só a matéria-prima. Esses remédios vendidos por encomendas ajudam na economia da família, que muitas vezes dependem somente do que colhem nas pequenas lavouras, cestas básicas e do programa governamental Bolsa Família que beneficiam a maioria mais nem todos, certamente quem tem filhos vinculados na educação.

A comunidade Tinguizal é parte importante de um ecossistema, o Cerrado, predominante na região entre serras, vales e rios, com incidências de matas ciliares. A biodiversidade é riquíssima e facilitou ao longo de anos de quilombo o aperfeiçoamento da medicina popular. As plantas medicinais que durante muitos anos serviram apenas para curar doenças das pessoas da comunidade, passa então a promover uma ajuda extra na economia das famílias locais.

Toda esta diversidade de cultura e biodiversidade da natureza consolida a identidade cultural, econômica e ambiental da comunidade Tinguizal. Numa perspectiva de educação do campo, esses saberes populares e todas as riquezas ainda existentes na comunidade, se tornam importantes ferramentas de pesquisa e estudos, sendo positivamente dialógica com a prática de pedagogia que articulem saber popular e saber científico.

A interação homem – natureza nas sociedades tradicionais é dialógica e construída no campo da experiência: o cotidiano. Essa interação é representada por meio de saberes e fazeres que formam o acervo patrimonial desses grupos, traduzindo a relação

orgânica, intensa que estabelecem com o ambiente onde vivem e que constituem o seu ethos, sua identidade. (SARAIVA, 2006, p. 47)

Tinguizal é daqueles lugares onde se pode observar a vida acontecer sem pressa, seguindo os passos de um cotidiano que dita suas próprias regras nos contextos sociais, culturais, econômicos entre outros. O tempo segue a natureza que faz sua medida; as ações de cultivo tem nos fenômenos e elementos naturais (sol, lua, chuvas, ventos e outros) a medida do tempo de preparo do solo, plantio e colheita, e ainda interfere na coleta de plantas medicinais e no preparo de chás e garrafadas.

Os acontecimentos religiosos tem tanta importância que as famílias inteiras migram temporariamente para locais de festas religiosas e lá ficam dias, nas romarias e folias que giram por quase todo o extenso Sítio Histórico Kalunga. É um verdadeiro espetáculo de cores, sons e sabores, alegria, solidariedade e companheirismo entre todas as famílias.

1.1. Importância das plantas medicinais no Tinguizal

Historicamente o uso das plantas medicinais por comunidades tradicionais como Tinguizal, ganhou notoriedade e ao ser observada a importância dada a esses saberes. Ao longo de anos foram se estendendo ao de gerações para gerações e tornou-se um meio de preservação de vidas desses sujeitos no combate de inúmeras espécies de doenças que lhes importunavam.

Para tanto, essas descobertas do uso medicinal ainda revela hoje um rico conhecimento não só naquela comunidade mais em várias outras, e que esse conhecimento tem sido de grandes utilidades para a sustentabilidade dos povos dessas comunidades. Visto isso, percebe-se que graças a essas descobertas do uso medicinal por esses povos, aquela comunidade tem resistido e constituído um modelo de vida muito preservado, de tal modo que hoje ainda conhecem pouco de remédios industrializados.

Esse conhecimento é parte viva da cultura e da identidade camponesa que ainda lhes dão direito de serem camponeses com mais teor e mais afinidades. Esse rico conhecimento tem sido muitíssimo e bastante útil no combate de doenças existentes na comunidade.

As entrevistas realizadas com moradores da comunidade revelam em suas falas a riqueza do uso das plantas.

Meu nome é Brasilina sou nascida e criada aqui no kalunga; antes de vim praqui, ieu morei noutos lugar, mais nois viemos praqui pra miorar de vida; ieu tivo uma vida muito sofrida , sem as coisa di cumer, di virtir, era difiço. Meu pai comprava metinho de pono e minha mãe fazia nossas ropinhas, cumia mais do qui nois produzia aqui, criava um bucado de galinha, poico e aiguma vaquinha. Era difiço nois ir na cidade prueque naquela epa não tinha istrada pra carro, so us home que ia no lombo do burro buscar as coisas que fartava. (DONA BRASILINA, 70 ANOS)

Observando a fala e a expressão facial de Dona Brasilina, logo se percebe sua força e vitalidade, embora os anos de idade revele uma vivência de grandes lutas para sobreviver. As dificuldades apontadas por ela traduzem a ideia de como era difícil a vida de um quilombola até algumas décadas atrás, isolados do mundo e de direitos básicos como saúde, educação, cultura e outros direitos.

Prindi muita coisa com meu criador do tipu custura, benzer de quebronte dor barriga, reza e prindi tombem fazer um bucado de remédo, e sou partera; so muito filiz com tudo qui prindi da minha mãe; judei um bucado de gente aqui nu kalunga; hoje essas coisa ja ta perdeno o valor, o parto num faiz mais aqui; o qui ainda usa é os benzimentos e muita gente me pede pra fazer algum remeido. Os remeido qui eu mais faço é sumu de bassurinha, sumo de favaca, sumo de majiricão e muito mais qui num tô lembrano agora , esses é bom pra quebronto, pra difruço e pra infeiquição e mais otas duença. (DONA BRASILINA, 70 ANOS)

Nas palavras de Dona Brasilina, está presente a medicina caseira e os tratamentos dados por ela nos cuidados da saúde com plantas do Cerrado e dos quintais da comunidade. Considerando a carência de postos de saúde e profissionais da área, a medicina popular além de ser uma realidade, é uma necessidade, da qual a demanda da área saúde exige e que o poder público não atende.

Dona Brasilina parece pedir socorro por meio de sua fala pela valorização e respeito de seus saberes, pois deles, necessitam a sobrevivência de sua comunidade e de seu povo.

Eu axu qui os mais novos tinha qui ter mais intereço de prender essas coisas prueque é muito importante e vai sivi pra es mermo mais na frento. Di primero cond tinha uma festinha na hora da reza a igreja era cheia, hoji os qui parece la a maioria é nois os mais veio, e os novu ainda recrama quando a reza ta demorano. (DONA BRASILINA, 70 ANOS)

Neste contexto da fala de Dona Brasilina, fica a indagação acerca do papel da educação frente à preservação e divulgação dos saberes da comunidade.

leu só posso passar essas coisa qui ieu sei se ês ter vontade de prende; não quero qui isso morre cumigo, mais es num quer ne. leu ja falei pros meus neto: minino , minino oseis num tem vontade de prender resa , benzer, custurá, prunque ieu ja to vea; quaique hora ieu num to aici mais não, mas vejo que ês não tem muita vontadi de prender. (DONA BRASILINA, 70 ANOS)

Hoje, já existe um certo distanciamento dos jovens quilombolas de sua cultura e saberes, o que revela que a educação nas comunidades tradicionais ainda não soube dialogar conhecimentos científicos com saberes populares, o que pode estar causando desinteresse pela diversidade de valores que há em um espaço tradicional.

Eu sou Natalina da Silva tenho 60 anos, eu nasci mi criei aqui dentru Du kalunga; sou mãe de oitho fio e vô de 10 netinho sou casada. Minha vida sempri foi de muitia labuta trabaihei a vida toda na roça, mais graças a Deus nunca faltou nada pra meus fio cumer. Hoji a vida miuto mais faço, trabalha na roça quem quer, se num quizer sai pra trabalhar fora igual muitos faiz ou pega siviçu pur dia aqui mermo nu kalunga. (NATALINA DA SILVA, 60 ANOS)

Dona Natalina, outra mulher que impressiona com sua vitalidade e amor pela sua gente e suas tradições, conta sua história e nos apresenta as especificidades escondidas e ou simplesmente alheias ao cotidiano comum das pessoas.

Mais ieu sempre acunseihei meus fio a istudar pra ter um bom imprego, prunque ieu num tivo essa upurtunidade e hoji tem iscola na porta num istuda quem num quer. Mais aici ainda encontra muii minino novo qui num importa com istudo, num da valor nas coisa nois conseguimos traveis de muita luta, mermo assim quando ieu incontro aigum por aqui ieu ainda falu; vai istudar minino sera se oceis vai quere se uma anarfabeta igual ieu qui num tivu uma iscola boa igual essa coseis tem. (NATALINA DA SILVA, 60 ANOS)

Chega ser uma poesia ouvir Dona Natalina; é como se a vida de 60 anos passasse como um filme em uma grande tela, história de resistência, de vontade de viver, vivenciar direitos outrora, nem se quer imaginado enquanto realidade. São experiências de vida que merecem serem expostas para seja exemplo para que os demais tenham consciência e tome rumos diferentes e positivos, como a

educação. Aliás tudo esta interligado a esta palavra tão especial, “educação”, anseio de séculos de sofrimento e desejo entre os Kalunga.

Hoje o qui ieu sei e trabaia na roça e fazer os sivicinhu de casa, dumais sei di aiguma reza e cunheço alguma pranta boa pra fazer remedio qui prindi com minha mãe. Sempri to ajudano as pessoa fazendo aigum remeido, façu e incino tombem, pruke ieu achu qui é uma forma de tá insinano êis pra qui isso num acaba quando ieu morrer. (NATALINA DA SILVA, 60 ANOS)

Em se tratando das plantas medicinais, os saberes que envolvem está temática são extremamente ricos, desde as variedades de plantas medicinais, as formas de cultivo caseiro, a preservação de espécies nos ambientes naturais, os rituais de coleta ou colheita, a preparação de chás, banhos, benzimentos, entre outros.

As prontas qui nois mais usa aici, u boldo, u pacari, a chapada, a favaca, o andu, o agudão. Dessis ai é bom pra dor de barriga, infecção na muier, gripu, e outo pra muier buxuda beber quandu ta com friage, no preparo nois usa as foia e a entri casca. Tem muito mais remedio e qui na hora num dar pra lembrar de tudo quando gente vai ficano vei vai esqueceno de tudo. Eu quiria muito qui essa geraçãum mais nova precupasse di prender essas coisa qui, num sé ieu sei mais de outas pessoa tombem sabi. Sinto qui daqui uns dia essis conhecimento vai cabar pruke ningem pricipa de prender. (NATALINA DA SILVA, 60 ANOS)

Tabela 1 - Registro de plantas medicinais do Tinguizal, feito a partir das entrevistas realizadas com duas senhoras moradoras da comunidade.

PLANTAS DO CERRADO		
Nome popular	Indicação	Forma de uso
Assa-peixe	Contra pragas, tosse, doenças do pulmão, dores estomacais, rins, dores no tórax, inflamações uterinas, tuberculose	Chá
Algodão caseiro	Antibiótico, antiinflamatório para várias infecções e ferimentos.	Chá Sumo Emplasto
Algodãozinho do cerrado	Infecções uterinas, cólicas menstruais	Raiz e cascas - chá
Boldo	Desarranjos intestinais	Chá Sumo
Chapada	Infecções, dores diversas,	Chá, sumo,

Fedegoso	Infecções em geral, febres, maleita, dengue, constipação, reumatismo, tuberculose	Chá bem quente da raiz sapecada ao fogo
Goiaba	Calor na no canal, uretra, cicatrizante, antibiótico	Chá das folhas novinhas, e da entre-cascas.
Kalunga/calunga (típica da região abrange todas as comunidades quilombolas kalungas – Nordeste de Goiás)	reumatismo, problemas de dores musculares, outros	chá ou maxucar a raiz colocar na água quente para beber
Pequi	Infecções intestinais, rins e fígado, e outras.	Chá da folha Frutos fazem parte da culinária goiana
Quina	Anemias, problemas na coluna, rins, fígado, estômago e esôfago	Chá de uma pequena quantidade casca, infusão da casca e passar uma noite no sereno.

PLANTAS DE QUINTAL		
Nome popular	Indicação	Forma de uso
Erva santa maria Mastruz	Problemas Estomáquica, reumatismo	Sumos, chás e outros
Erva santa Maria Mastruz	Problemas Estomáquica, reumatismo	Sumos, chás e outros
Favaca Alfavaca	Calmante, prisão de ventre, hepatite, febre, outras	Chá
Geivão/jervão	Anemia, tuberculose, sarampo, catapora	Chá raiz e folhas
Mamão	Desarranjos intestinais (folhas) Prisão do intestino (fruto)	Desarranjos intestinais (chá das folhas) Prisão do intestino (comer o fruto)
Pimenta jaborandi	Infecções em geral da mulher, crescimento dos cabelos	Infecções (chá da folha, comer a pimenta nos alimentos) cabelos (lavar com o chá das folhas)
Picão	Infecções em geral, anemias, hepatite	Chá quente e banhos
Anador em rama	Dores de barriga, dores de cabeça,	Sumo, chá
Romã	Infecções da garganta Diurético vermífugo, anti-séptico	Chá da casca para gargarejar
Xiôio/manjerição de cheiro	Calmante e relachamte muscular, prisão de ventre aftas, tosse e dor de garganta.	Chá
Brêdo rôcho ou caruru	infecções tratamento de problemas hepáticos.	Chás, em forma de salada, acompanhamento em pratos

De acordo com as entrevistadas, foi constatado que esses saberes tradicionais circulam por todos os espaços da comunidade de família em

família mais vem se perdendo o valor nos últimos anos, pois, antes o uso desses medicamentos era mais constante, as pessoas tinha mais interesse em aprender porque era os únicos meios de tratamentos conhecido pelos moradores do local.

Depois que começaram a conhecer e usar remédios farmacêuticos os chazinhos caseiros como são tratados lá, esses povos começaram a perder seus valores. Ainda hoje é notório quem usa essas ervas, embora a comunidade tenha se evoluído um pouco, os mais idosos não deixaram de utilizar essa medicina por eles conquistada, o que se vê hoje é a má influência por boa parte dos jovens por essa cultura devido a população ter adotado parte de culturas externas como é o caso do uso de remédios industrializados.

Mais de todo modo, mesmo fragmentada, em geral toda população usa, pois os pais, os avôs ainda apostam nesta medicina como arma de luta e resistência no combate de várias doenças detectadas na comunidade por eles citadas.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS SABERES TRADICIONAIS

2.1. Breve histórico da Educação do Campo

A educação do campo é uma política pública educacional voltada para os sujeitos do campo ainda em situação de ajustes. Ela vem sendo como resultado das lutas dos camponeses e dos movimentos sociais mais não somente, é também daqueles sujeitos envolvidos na luta por igualdades e transformação da sociedade. Neste sentido ela surge primeiro como proposta de Educação Rural e só recentemente essa idéia se solidifica como Educação do Campo.

Essa proposta ganhou destaque na I Conferência Nacional que aconteceu em Luziânia em 1998 através de muito debate sobre Políticas Públicas de Educação que atendam as necessidades da população em específico no campo.

Durante muito tempo as necessidades de educação para pessoas que vivem no campo não eram atendidas. Antes, nas escolas o que se ofertava enquanto proposta de ensino era um currículo baseado na educação urbana e sem referências da vida no meio rural. O campo não recebia uma educação com um direcionamento pedagógico, político, econômico e cultural, que pudesse surtir os efeitos de uma transformação e de significação do processo de mediação da aprendizagem a partir da relação com a vida do meio rural.

Ocorreu durante muitos anos um ensino excludente, sem adequação aos interesses reais das comunidades rurais, principalmente sem contextualizar conhecimentos científicos de saberes populares, ou seja, sem o mínimo de diálogo e articulação à vida cotidiana dos alunos camponeses.

Esses longos anos de ensino precário, possibilitou a proliferação da miséria, a perda de identidades culturais marcantes do campo, gerando entre outras coisas o êxodo rural. Sem condições de sustentabilidade e perspectivas de vida no campo, o homem camponês se viu (e ainda se vê) na triste realidade de ter que mandar seus filhos para a cidade em busca de estudos e um bom emprego.

Antes era visível que a educação não supria nenhuma necessidade básica, nem tão pouco, a perspectiva de um futuro melhor para as comunidades rurais. Então leis que visam amparar o direito a uma educação do campo qualitativa e significativa, passaram a ser discutidas.

A Educação do Campo não se concretiza sem reconhecer a existência do campo, de sua realidade histórica e dos sujeitos que nele vivem, compreendendo seus processos culturais, sua socialização e as relações de trabalho vivenciadas por esses sujeitos do campo em suas práticas cotidianas. (MONTE ALTO, 2012, p.34).

Art. 5º As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos 23,26 e 28 da Lei 9.394, de 1996, contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (Resolução CNE/CEB 1/2002, p. 203).

A proposta de uma educação *do e no* campo garante uma educação voltada para as especificidades deste espaço social, cultural e econômico tão importante para o Brasil. Se a educação já tivesse desempenhando se papel transformador da realidade, provavelmente os camponeses teriam se sustentado no campo, pois haveria que redescobrir outras maneiras de sustentabilidade. Além disso, também teria sido possível fazer uma educação mais mediada pelos conhecimentos científicos e populares capazes de articular e dialogar com a realidade dos sujeitos do campo.

Caldart (2012) salienta que, a educação do campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.

A realidade que produz a Educação do Campo (EdoC) não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Esses aspectos deverão ser observados na escola da comunidade Tinguizal na relação com o conhecimento tradicional das plantas.

(MONTE ALTO *apud* SILVA; MORAIS, BOF, 2006, 2012), destaca que historicamente foram os movimentos sociais e associações civis do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a Confederação

Nacional do Trabalhador e Trabalhadora na Agricultura (CONTAG), a Pastoral da Terra da Confederação dos Bispos do Brasil (CNBB), a União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil (UNEFAB), a Associação das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR), entre outros, que têm enfaticamente reivindicado políticas específicas para a educação do campo, chamando a atenção para a inadequação da educação existente à re

alidade e aos interesses das populações do campo.

É graças a esses movimentos que os camponeses têm tido seus direitos à educação reconhecidos e aos poucos a educação do campo tem se tornado parte de pautas importantes na construção de políticas públicas. Ainda que seja notório que o Brasil ainda está longe de consolidar todas as políticas públicas de maneira qualitativa para o homem do campo.

A década de 90 marcou a evolução no contexto da construção de uma pedagogia de educação do campo, embora em muitos casos e regiões do Brasil, este processo de transformação da concepção e do fazer pedagógico enquanto mediação de saberes do campo tenha tido entraves significativos, entre eles: falta de investimento, dificuldades de produzir um currículo referencial de educação junto ao camponês, entre outras situações negativas.

Foi graças aos movimentos sociais do campo que o Brasil está na busca por afirmar e consolidar a educação do campo conforme preceitos da Constituição Brasileira e demais Leis que ancoram esse direito tão precioso.

Enquanto política pública ainda há muito o que se fazer. Ainda assim, muitas experiências surgiram de capacitação e de licenciaturas voltadas para a Educação do Campo numa perspectiva futura de aprimorar o que já se tem e o que se se faz enquanto ação pedagógica mediadora de saberes do campo.

A Licenciatura em Educação do Campo – LedoC, pode ser considerada uma política educacional pública capaz de surtir efeitos positivos a curto e longo prazo no campo, e ainda consolidar o fazer pedagógico de maneira dialógica com a realidade social, cultural e econômica das comunidades rurais.

A dinâmica operacional pedagógica da LedoC, propõe ao educando na condição de universitário e futuro educador em sua comunidade, fazer intervenções positivas em seus espaços de vivências, refazendo o reconhecimento da realidade partindo de pressupostos e direcionamentos até então não utilizados, ou seja, ocorrência do diálogo entre saber científico e saber

popular. Surge então um novo olhar, uma percepção diferente de uma mesma realidade vivenciada todos os dias no campo. Essa nova visão em muitos casos transformam em propostas significativas de mudanças, ocorrência de transformação da realidade, por meio de um projeto de pesquisa e registros de saberes locais, projetos de viabilidade e sustentabilidade econômica e cultural, entre outras. A Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC é portanto o Campo e sua voz, seus anseios e suas várias possibilidades de desenvolver-se, em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais..

Como já dito, o currículo referência parte fundamental do ensino, pois direciona a prática pedagógica do professor, deve dialogar com os saberes contextuais do aluno, favorecendo e possibilitando uma educação significativa.

A educação como um legado a ser deixado para a atual e futuras gerações deve partir de pressupostos dos quais os sujeitos sintam parte dela e a torne ferramenta de evolução, transformação e conquista de outros direitos necessários à vivência plena da cidadania.

2.2. A prática pedagógica da educação do campo

A Educação do Campo (EdoC) também como resultado e espaço de lutas e de práticas pedagógicas diferentes na construção da humanidade tem ganhado destaque na formação de camponeses pelo modo a qual propicia a formação do sujeito dentro dos espaços da educação na universidade e nas comunidades, pois ela não nasceu de teorias e sim de práticas das lutas dos movimentos camponeses. Desse modo, suas práticas se dão na vida dos sujeitos diretamente ligadas as suas realidades, as realidades da comunidade, da escola e da sociedade, ela se preocupa com a práxis de modo que vincula o trabalho manual também como princípio da formação intelectual do sujeito.

Assim sendo, a concepção de prática pedagógica e de educação, a princípio deve ser contra-hegemônica e que busque a inclusão de todos os sujeitos e seus territórios bem como suas realidades na construção de uma nova sociedade.

De acordo com Caldart:

A Educação do Campo, principalmente como prática dos movimentos sociais camponeses, busca conjugar a luta pelo acesso à educação pública com a luta contra a tutela política e pedagógica do Estado (reafirma em nosso tempo que não deve ser o Estado o educador do povo). (CALDART, 2012, P. 262).

Essa logística de educação do campo(EdoC) tem sido de todo modo a fonte de persistência dos povos quilombolas na luta por uma educação do Campo no Campo, e é neste sentido que egressos e alunos do Curso da LEdoC vem buscando o fortalecimento das lutas na prática da educação como libertação e transformação dos cidadãos, bem como na reconstituição do campo como espaço de formação humana.

CAPÍTULO III

O CONHECIMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS NA ESCOLA DA COMUNIDADE TINGUIZAL

O Tinguizal é uma comunidade kalunga oriunda e ocupada ainda por negros quilombolas. Esses negros descendentes de escravos que formam a comunidade e muitas outras do Nordeste goiano tiveram uma vida marcada por dificuldades. O atendimento das necessidades básicas foi sempre foram supridas com recursos próprios e de modo muito precário pelos moradores do Tinguizal.

Com o passar do tempo, essas comunidades foram se fortalecendo e a busca para garantir educação na comunidade passou a ser uma luta comunitária desde a década de 80 mais só na década de 90, no ano de 1997 houve a primeira conquista de uma escola na comunidade, e o nome dado a ela era apenas como Escola Municipal Tinguizal e hoje tem como extensão também Calunga II.

O processo de educação se deu ali através de muitas lutas dos moradores, mas a educação não chegou de forma que atendesse a todas as demandas e as necessidades daquela comunidade, em função de sua precariedade.

Uma rápida descrição das condições da escola, nos ajuda a entender esse processo. A escola naquela época foi construída de palhas e pau a pique; havia apenas uma sala de aula, uma cozinha para fazer a merenda e um mini quarto para abrigar o professor que ali residia. Os bancos de assentos eram de pau roliço, não havia armários, mesas e nem quase materiais didáticos. E só para lembrar, esse casebre feito de pau a pique foi construída por um morador da comunidade.

A luta da comunidade garantiu que hoje a escola possa contar com um prédio de alvenaria de duas salas de aulas, uma cantina, uma sala de biblioteca, três banheiros, alojamento para os professores e uma área de lazer. Essa mudança na qualidade da educação foi também começando a mudar a concepção dos sujeitos daquela comunidade, bem como o desejo de buscar melhorias na qualidade de suas vidas e do ambiente social onde vivem. Além disso, houve também mudança no quadro de educadores, diferente de antigamente, hoje os

educadores são todos da comunidade e conhece bem a realidade, os anseios e os desejos de construção de uma nova sociedade no contexto quilombola.

Essa escola foi uma conquista da comunidade, que se deu no ano (2004), devido à luta do povo camponês de Tinguizal, embora as condições ainda precisam melhorar muito. Hoje a escola conta apenas com duas salas de aula; o ensino é multisseriado e estudam tanto alunos da rede municipal quanto da rede estadual. A escola oferece somente o nível **fundamental do primeiro ao nono ano do ensino fundamental**. Também é preciso observar que os professores trabalham em condições muito precárias.

Ainda hoje, os alunos que concluem o nível fundamental precisam sair da comunidade para dar seqüências aos estudos, isso quando não desistem de estudar diante de tantas dificuldades ou têm que deixar suas comunidades para trás, com muito pesar.

Normalmente como em todas as outras escolas daqui, trabalhamos com os conteúdos seguindo a matriz pedagógica; nessa matriz pode se dizer que não tem nada relacionado ao nosso cotidiano, ao cotidiano dos alunos, tudo nela refere se mais ao meio urbano; isso dificulta-nos a trabalhar algo relacionado a nossa comunidade, a nossa cultura. (Professora Kátia da Silva Fernandes, setembro de 2015)

No relato da professora se percebe a carência de um currículo que atenda as especificidades da comunidade, de modo a contribuir com um ensino que respeite a diversidade local e seus saberes. O currículo de qualquer instituição educacional deve estabelecer diálogo com o contexto de vida de seus educandos, diante disso, mesmo não havendo essa proposta já estabelecida, a escola deve encontrar formas de atender essa demanda.

A professora Kátia observou durante a entrevista:

Para não dizer que nunca trabalhei, uma vez aconteceu de um aluno passar mal na sala de aula. Fiquei apavorada ao vê-lo naquele estado; o garoto sentia muita dor na barriga, torcia pra um lado e pra o outro e nada dessa dor passar. Pensei vamos chamar a tia Natalina (conhecida na comunidade por Taliana) pra ver se ela faz algum remédio caseiro pra ele, e assim foi. Um outro aluno foi até lá e a chamou. Ele já falou o que o seu colega sentia; quando voltaram minha tia já veio com o remédio que se chama “anador em rama”. Uma planta medicinal de quintal. Tiramos um sumo bem forte e demos para ele beber em seguida levamos para

casa, quando foi por volta de uns 10 minutos ele já se sentia melhor (Professora Kátia da Silva Fernandes, setembro de 2015)

Diante de tal fato ocorrido, pensa-se em uma realidade, distante de auxílio médico e de outras pessoas capacitadas para tal socorro. Por mais que a comunidade médica muitas vezes critique esse tipo de atendimento e medicação, não há como evitar, por tratar de uma necessidade onde todos estão sujeitos a ela, devido à precariedade no acesso à saúde. O que realmente deveria ser feito era a capacitação dessas pessoas e a valorização de saberes tão necessários a sobrevivência dos quilombolas.

Com isso cheguei a uma conclusão, porque não trabalhar isso nas aulas de ciências, além de estarmos adquirindo vários conhecimentos, estamos resgatando e valorizando um dos saberes da comunidade local, sabendo que na frente iria encontrar vários obstáculos, pois nunca poderei fugir dos conteúdos da matriz pedagógica da escola. (Professora Kátia da Silva Fernandes, Setembro 2015)

A realidade das comunidades deve estar presente e interferir na escola, causar indagações e inquietações. Isso é positivo do ponto de vista do fazer pedagógico; o educador deve ser sensível a realidade local, transformando sua prática pedagógica e fazendo adequações socioeducativas; é preciso enxergar a comunidade como um meio social com diversidades e especificidades culturais, econômicas, ambientais, tradicionais, entre outras, **é preciso fazer uma adequação do currículo escolar para que o mesmo contenha uma base nacional comum podendo ser complementado com as reais necessidades dos alunos e da escola conforme apontado no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), o mesmo precisa e deve ser ajustado conforme também a climatologia da região atentando por atender as demandas de formação humana no campo e de transformação da sociedade como um todo.**

A professora Kátia, citada anteriormente já sabe que precisa rever sua prática e tenta adequar o currículo referência a realidade local, mesmo sabendo que irá enfrentar situações adversas, porém o papel do educador é exatamente este, desafiar e transformar realidades. Diante deste pressuposto sugere a pedagogia de projetos pedagógicos, o que poderia criar um mecanismo dialógico entre currículo referência e os saberes tradicionais no uso de plantas medicinais na comunidade. Neste contexto o projeto pedagógico surge de uma situação

problema real e que se faz necessário na comunidade, podendo ser motivo de negociação com a coordenação pedagógica, pais e alunos em reuniões e trabalhos coletivos, no intuito de se propor uma pedagogia também social e cultural.

Com a intenção verificar o potencial do trabalhos com os saberes e usos sobre as plantas medicinais, foi feito um planejamento (Ver ANEXO I) de modo a significar a prática pedagógica. Foi proposto à professora um trabalhado com a temática durante cinco aulas presenciais, com os alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental.

Tabela 2 - Relatório das aulas interdisciplinares em outra área do conhecimento- Ciências do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental.

Data das aulas	O que (conteúdo trabalhado)	Como (forma de trabalhar os conteúdos)
18/08/2015 (1h / aula)	Uso das Plantas Medicinais e Produção do Gênero Textual: Receita.	Primeira aula: apresentar aos estudantes o conteúdo a ser trabalhado. fazer roda de conversa sobre as ervas medicinais e definir o conceito de plantas medicinais Fazer levantamento do conhecimento dos alunos sobre as plantas medicinais para poder partirmos de uma questão mais profunda sobre o tema. Pra vocês o que é uma planta medicinal? Liste as que vocês conhecem aqui da comunidade.

		<p>Finalizar a aula agradecendo as turmas pela disposição e o trabalho realizado durante a aula e fazer um diálogo aberto avaliando a aula, o que eles acharam da mesma, o que iremos mudar para melhorar próxima, etc.</p> <p>Resultados observados na aula</p>
20/08/2015 (1h / aula)	Texto sobre plantas medicinais.	<p>Segunda aula: retomar a aula anterior com diálogo, em seguida dividir a turma em pequenos grupos para estudo do texto sobre plantas medicinais.</p> <p>Trazer as questões levantadas pelos grupos para socialização.</p> <p>Resolver questionário conforme o texto lido e debatido pelos grupos.</p> <p>Encerrar a aula recolhendo as atividades, agradecendo as turmas e dizendo que as atividades entregues serão corrigidas e</p>

		retomadas na próxima aula.
21/08/2015 (1h/ aula)	Produção textual	<p>Terceira aula: recepcionar as turmas e fazer uma retomada entregando as atividades anteriores corrigidas reforçando consistência da aprendizagem dos educandos.</p> <p>Pedir uma produção textual para ajudar no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos.</p> <p>Corrigir os textos produzidos e devolver aos alunos com as devidas observações de erros ortográficos.</p> <p>Escolher um texto produzido e corrigi-lo no quadro negro com uma refacção mais precisa para desenvolvimento dos alunos.</p> <p>Encerrar a aula pedindo a refacção dos textos dos alunos para que eles</p>

		<p>tragam na próxima aula mais rico e agradecendo os mesmos. Pedir para os alunos anotar alguns pontos negativos e positivos da aula e trazer também junto com o texto.</p>
25/08/2015 (1h / aula)	<p>Pesquisa através da observação e registro de dados.</p>	<p>Quarta aula: fazer aula de campo com os alunos para que eles possam se interessar ainda mais pelos conteúdos e a disciplina trabalhada.</p> <p>Pedir o registro para os alunos de todas as plantas medicinais encontradas no entorno da escola.</p> <p>Fazer um quadro ilustrado com cada nome trazido por eles para fixação na escola.</p> <p>pedir uma receita descrita por uma pessoa mais idosa da comunidade para auxiliar na produção de um chá caseiro seguido por passos.</p>

		<p>Avaliar o entendimento dos alunos sobre os trabalhos desenvolvidos e a serem realizados.</p>
27/08/2015 (1h / aula)	Gênero receita caseira.	<p>Quinta aula: recepcionar os alunos.</p> <p>Fazer uma retomada de todas as aulas anteriores de forma expositiva com diálogo.</p> <p>O professor deve fazer uma exposição mais profunda da relação da Ciência com o conteúdo trabalhado, mostrando algumas evoluções tecnológicas no ramo da Ciência dos usos medicinais destas plantas.</p> <p>Escolha da planta pelos alunos para produção do chá na medida foi registrado a fala da receita trazida por eles .</p> <p>Ilustrar a receita e fixar na escola.</p>

		<p>Avaliação: fazer um resumo por escrito em poucas linhas das aulas e atividades desenvolvidas neste período e ainda fazer anotações de como foram as mesmas, se gostaram ou não e por que?</p> <p>Finalizar a aula com agradecimentos a todos e todas e dizendo que foi um lindo trabalho e que possamos fazer outros muito mais lindos e ricos.</p>
--	--	--

De modo geral, as aulas foram significativas, foi possível observar que os alunos em sua maioria se sentiam parte do trabalho e contribuíram de várias formas, **intervindo nas aulas, desenvolvendo as atividades propostas, realizando entrevistas com os pais sendo parte das atividades, socializando as entrevistas em sala de aula, etc..** Em alguns momentos eles apresentavam domínio sobre o assunto e mostraram interessados em aprender mais. Fica claro que significar a educação se torna necessário, principalmente quando se trata de comunidades tradicionais como é o caso da comunidade Tinguizal.

3.1. Perspectivas da educação quilombola por meio de uma mediação de saberes populares e científicos na comunidade Tinguizal, em especial nas aulas de Ciências

(contextualização com o currículo referência municipal, estadual e nacional).

Para se falar em perspectivas de ensino, deve se ater ao currículo referência da escola, sua origem, elaboração, contextualização e relevância cultural e educacional para a comunidade.

Para Sacristan(2000), o que importa não é o que se diz que se faz, mas o que verdadeiramente se faz. O significado real do currículo não é o plano ordenado, sequenciado, nem que se definam as intenções, os objetivos concretos, os tópicos, as habilidades, valores, etc; os alunos aprenderão mais se a prática real que determina a experiência de cada um possa fazer parte do processo de aprendizagem dos mesmos.

Esta visão proposta pelo autor **Sacristan (2000)** não está contida no currículo de referência do Estado de Goiás adotado nas escolas. Esse curriculum não prevê autonomia do professor para o trabalho com conhecimentos e saberes relacionados a realidade dos alunos.

As controvérsias relacionadas ao Currículo Referência de Educação Nacional e dos Estados e Municípios estão sendo motivos de um realinhamento curricular, do qual se pretende criar uma base nacional abrangendo as quatro grandes áreas do conhecimento que são Linguagens, Matemática, Ciências Naturais e Ciências Humanas, deixando parte deste base curricular disponível para que estados e municípios, comunidades e escolas por meio da diversidade local venham inserir suas especificidades dentro currículo de ensino, desde a cultura local, os problemas sociais, ambientais e econômicos, entre outros.

A Base Nacional Comum Curricular (BNC) pretende fazer com que o ensino no Brasil fale a mesma linguagem todas as regiões. A intenção é que cada comunidade se sinta parte da escola. A comunidade por meio de direito garantido poderá intervir com saberes e demandas locais, (re)significando a educação.

A Base é parte do Currículo e orienta a formulação do projeto Político-Pedagógico das escolas, permitindo maior articulação deste. A partir da Base, os mais de 2 milhões de professores continuarão podendo escolher os melhores caminhos de como ensinar e, também, quais outros elementos (a Parte Diversificada) precisam ser somados nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos. Tudo isso respeitando a diversidade, as particularidades e os contextos de onde estão. (BNC/MEC/BRASIL 2015)

É nesse momento, com essas transformações que surge a real sintonia entre conteúdos sistemáticos em comum acordo com e diálogo com as coisas do dia-a-dia, as demandas, os costumes, vivências e experiências que somados aos conhecimentos científicos conversam entre si e aguça o interesse do educando pela educação, pela escola e pela vida em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto até aqui a nossa pesquisa revelou que a comunidade Tinguizal possui um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais e seus diferentes modos de uso na medicina tradicional. Revelou também que boa parte da população jovem está deixando parte desta cultura se perder devido a falta de atividades na comunidade, na escola e na sociedade que valorize esse conhecimento populacional.

Mediante essa revelação este trabalho de monografia está sendo considerado aqui como parte fundamental no reconhecimento e valorização dessa cultura de uso das ervas medicinais numa perspectiva de vinculação dos mesmos nas práticas pedagógicas da Educação do Campo e nas Práticas sociais da formação do sujeito humano.

Para bem mais dizer, consideraremos a mesma, também como base teórica para realização de novas pesquisas e como material didático para execução de pesquisas, estudos e trabalhos nas escolas de comunidades rurais tais como a comunidade Tinguizal.

O referendo, norteado de tais informações importantes sobre comunidades tradicionais, suas identidades e suas raízes culturais simbolizado pelo saber rico e partilhado sobre as plantas medicinais é considerado num contexto maior de sociedade como princípio tridimensional e transdisciplinar de formação humana e de transformação social.

REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org) **KALUNGA: histórias e adivinhações**. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

BORELLI, Silva Helena S. **Memória Temporalidade: Diálogo Entre Walter Benjamin e Heri Bergson**. São Paulo: 1992.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo / CNE. Resolução CNE/ CEB 1/2002**. Diário Oficial da União. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1. p. 32).

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001b.

DOURADO, Martha Fellows. **Política pública e construção participativa: análise da política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais**. Planaltina DF: UnB, 2012. (Monografia)

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 7ª Edição (2012)

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999

MONTE ALTO, Rosana Lacerda. **Saberes e fazeres quilombolas: diálogos com a educação do campo** – Uberaba, 2012.

MOURA, Glória (coord). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília DF: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2007.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: Uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **Saberes e fazeres tradicionais do cerrado: sabão de Tingui (*Margonia Pubescens*)** Brasília DF: Decanato de Extensão UnB, 2012.

SARAIVA, Dr^a. Regina Coelly Fernandes. Tradições e sustentabilidade: um estudo dos saberes tradicionais do cerrado da Chapada dos Veadeiros – Vila São Jorge – GO, 2006.

SILVA, Lourdes H. da, MORAIS, Teresinha C. de; BOF, Alvana M, (2006). **A educação no meio rural do Brasil: Revisão da literatura.** In: BOF, A. M. (org.). **A educação no Brasil Rural.** Brasília; instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Qual é seu nome completo?

- Quantos anos você tem?
- A quanto tempo mora na comunidade?
- Quais as plantas medicinais existentes na comunidade que vc conhece?
- Quais as plantas mais utilizadas pelos moradores da comunidade?
- Quais partes das plantas são mais usadas no preparo e usado do remédio?
- Como é feito o preparo dos remédios?
- Para que servem esses remédios?
- Você acha que os jovens estão valorizando e usando esses remédios caseiros?
- Esse conhecimento que você tem sobre as plantas medicinais foi apreendido com quem?
- Esse conhecimento está sendo repassado para os mais novos ou é só os mais idosos que ainda conhecem sobre as medicinas tradicionais?
- Você acha que as plantas medicinais é algo importante da comunidade que pode ser trabalhadas como conteúdo na formação do sujeito orgânico?
- Esse conhecimento tradicional ja está sendo repassado dentro da escola? A importância, os valores essa identidade cultural, como? Se não por que?
- Você acha que o trabalho com as plantas medicinais nas escolas ajuda no resgate desses saberes e a multiplicá-los para que as próximas gerações possam também ter acesso?

ANEXO I: Plano de aula sobre plantas medicinais: saberes e usos

Tabela 3

CARGA HORÁRIA	CONTEÚDO	LIGAÇÃO COM O INVENTÁRIO	OBJETIVOS INSTRUCCIONAIS	OBJETIVOS FORMATIVOS	COMO (METODOLOGIA, AVALIAÇÃO, RECURSOS)
05 aulas (5 horas/aula)	1º-gêneros textuais, ex: receita, etc. 2º-plantas medicinais.	Será trabalhada a realidade local da comunidade apontando a importância dos vegetais para a vida dos seres humanos sobretudo o uso das ervas medicinais em comunidades tradicionais.	-reconhecer a importância das plantas medicinais para a vida na terra. -conhecer por meio de aulas práticas os processos de identificação dessas plantas, formas de preparo e uso das mesmas. -compreender por meio de estímulos formas de preservação da cultura de uso das plantas medicinais . -identificar alguns episódios de doenças curadas através do uso dessas plantas na comunidade local.	-desenvolver práticas de letramentos múltiplos no contexto social. -estimular nos educandos a consciência da valorização e preservação da natureza. -despertar nos educandos o interesse pela preservação de uma vida saudável. -conscientizar os educandos sobre o problema de natureza macro enfrentado no Brasil e no mundo	Método: as aulas serão ministradas com base na realidade dos educandos trazendo para o ambiente escolar diferentes formas de estudar um mesmo conteúdo, além disso serão trabalhadas aulas de campo, roda de conversa, atividades práticas de aprofundamento, produção de textos como o gênero receita, atividades lúdicas, etc. Avaliação: as avaliações constará com a participação dos estudantes em todas as atividades realizadas, o desenvolvimento de cada um e ainda a capacidade de organização de informações e dos conteúdos trabalhados. Recursos: caderno, caneta, lápis, giz, quadro negro, ervas medicinais, material de preparo do chá (panela, fogão, fogo), meio ambiente natural, alunos, professores e uma pessoa de maior conhecimento sobre as ervas medicinais.

Tabela 4 - Receitas de remédios feitas de ervas medicinais, colhido através de aula de campo pelos alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental.

1ª- receita

Aluna: Isis Aparecida

Série:6º ano

Sumo de boldo

1º. Colher 6 folhas

2º. Lavar bem as folhas, esfrega elas bem com as palmas da mão e colocar dentro de uma vasilha com água.

Modo de usar: Tomar meio copo 2 vezes por dia

Indicação: bom pra dor de barriga (mal digestão)

2º receita

Aluna: Neuzirene

Serie: 6º ano

Chá de chapada

1º. Colher a entre casca da chapada

2º. Colocar as entre casca dentro de uma panela com água e botar pra ferver durante 10 minutos

3º Depois que desligar o fogo colocar uma pitada de sal

Modo de usar: deixe esfriar e tomar meio copo três vezes ao dia

Indicação: Dor de garganta e rocura.

3° Receita

Aluno: Deusimar

Serie: 6° ano

Chá de folhas de manga, laranja e favaca

1°. Colher três folhas de manga madura, três folhas de laranja verde e dois galhos pequeno de favaca

2°. Lavar as folhas e colocar todas elas dentro de uma panela com água, deixar ferver durante 15 minutos

Modo de usar: tomar ainda morno meio copo a noite de preferência quando for deitar

Indicação: gripe

4° receita

Aluna: Elzirene

Série: 7° ano

Chá de erva cidreira

1°. Colher as folhas

2° Lavar bem as folhas, colocar em uma panela com água e deixar ferver durante 10 minuto

Modo de usar: deixe esfriar e tomar meio copo pequeno duas vezes ao dia

Indicação: Calmante

5° receita

Aluno: Renildo

Serie: 7° ano

Chá de folha de pequi

1° colher três folhas de pequi

2° lavar as folhas e colocar em uma panela com água, põem pra ferver durante 5 minutos

Modo de usar: *deixa esfriar e toma meio copo de manhã*

Indicação: *dor nos rins*

ANEXO II: Imagens¹ de plantas pesquisadas

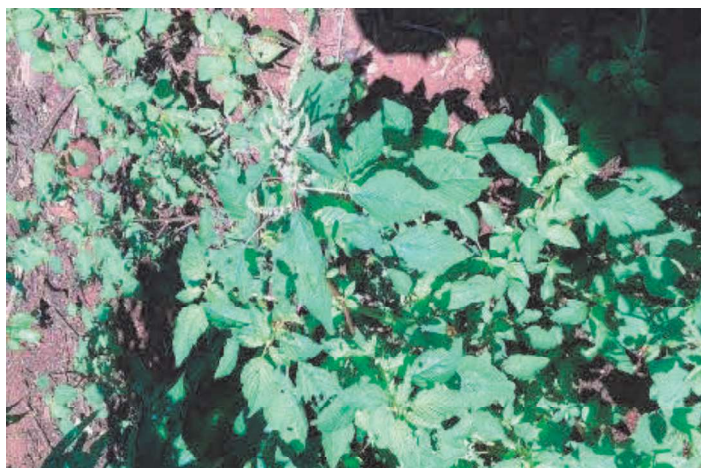


Imagem 11 - Brêdo Rôcho

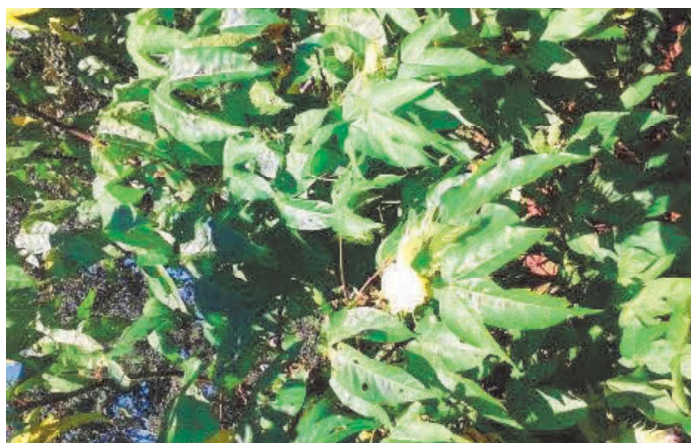


Imagem 12 - Algodão Caseiro



Imagem 3 - Boldo

¹ Fonte: Maria da Silva Santos, 2015.



Imagem 4 - Bassorinha/Vassourinha

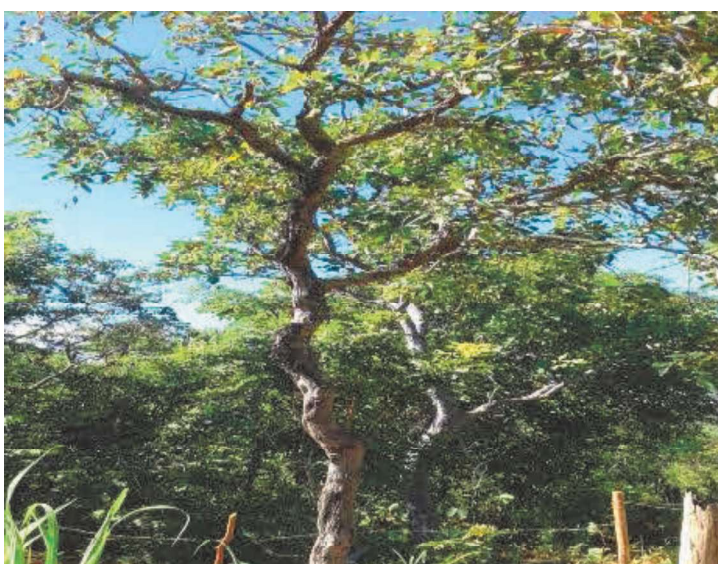


Imagem 13 - Chapada

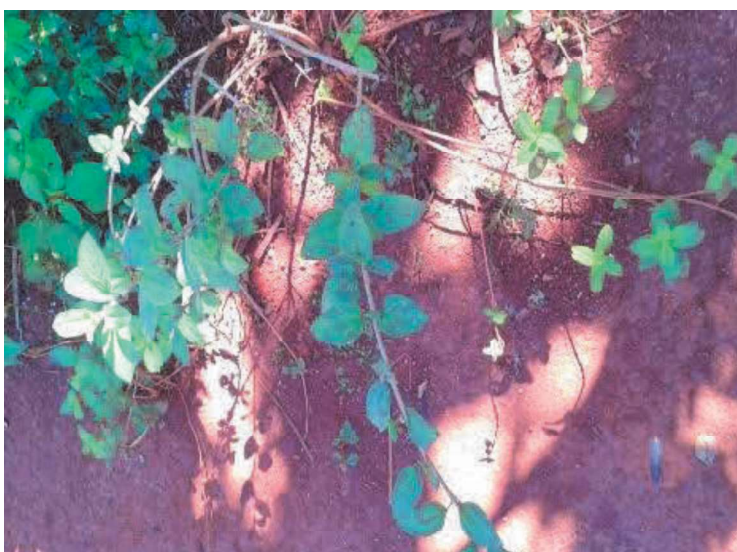


Imagem 14 - Erva Cideira

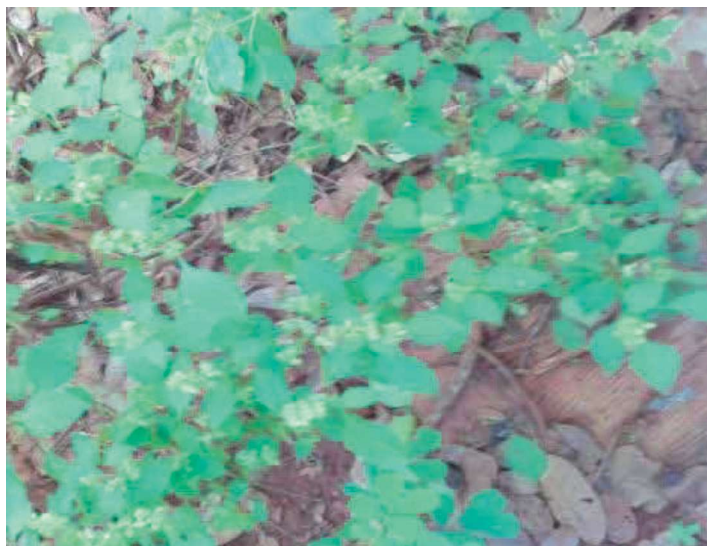


Imagem 15 - Alfavaca

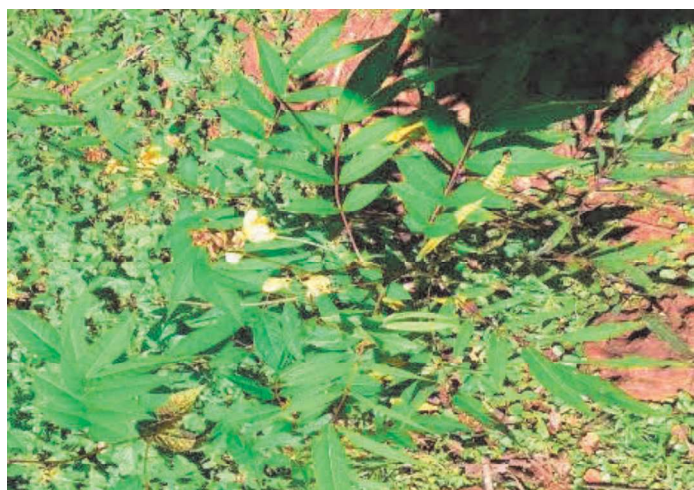


Imagem 16 - Fedegoso



Imagem 17 - Gervão

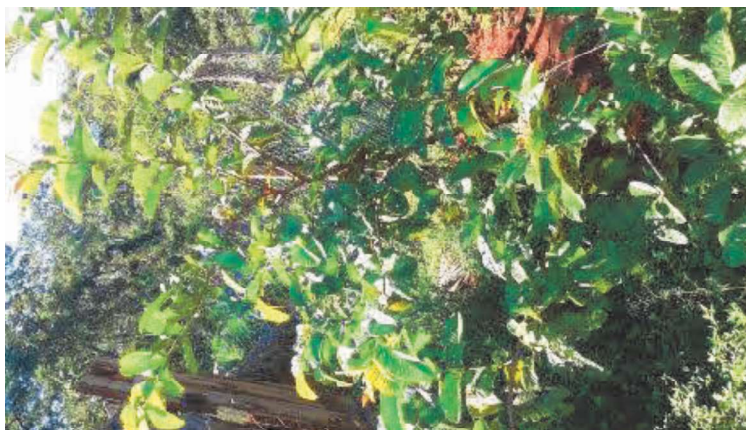


Imagem 18 - Goiaba



Imagem 19 - Kalunga/Calunga

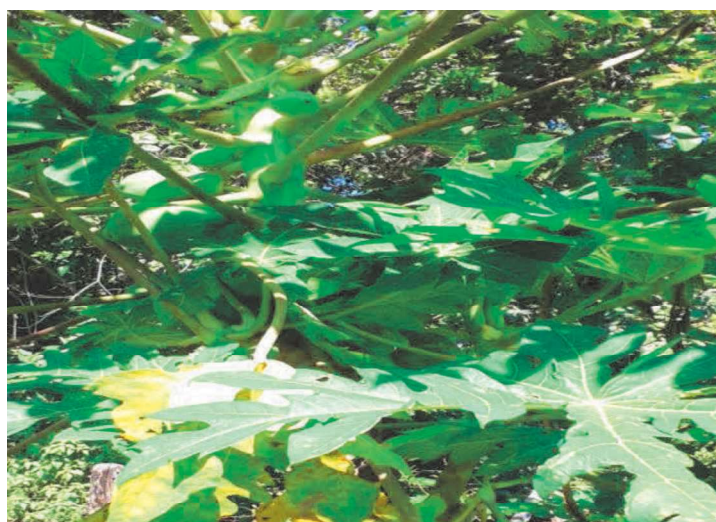


Imagem 20 - Mamão



Imagem 13 - Pimenta Janbarandi

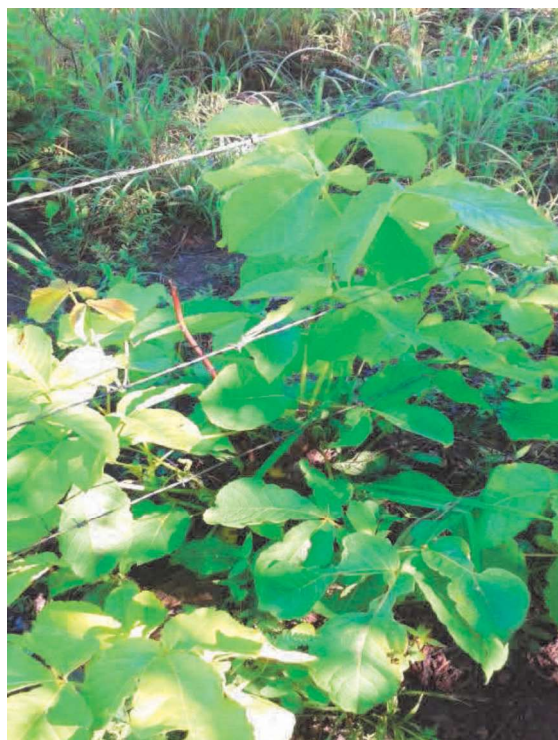


Imagem 14 - Pequi



Imagem 15 - Quina



Imagem 16 - Romã



Imagem 17 - Erva Santa Maria

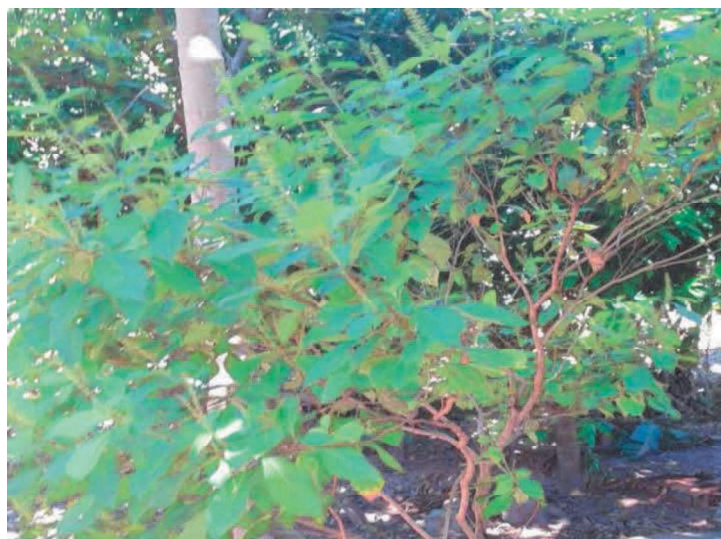
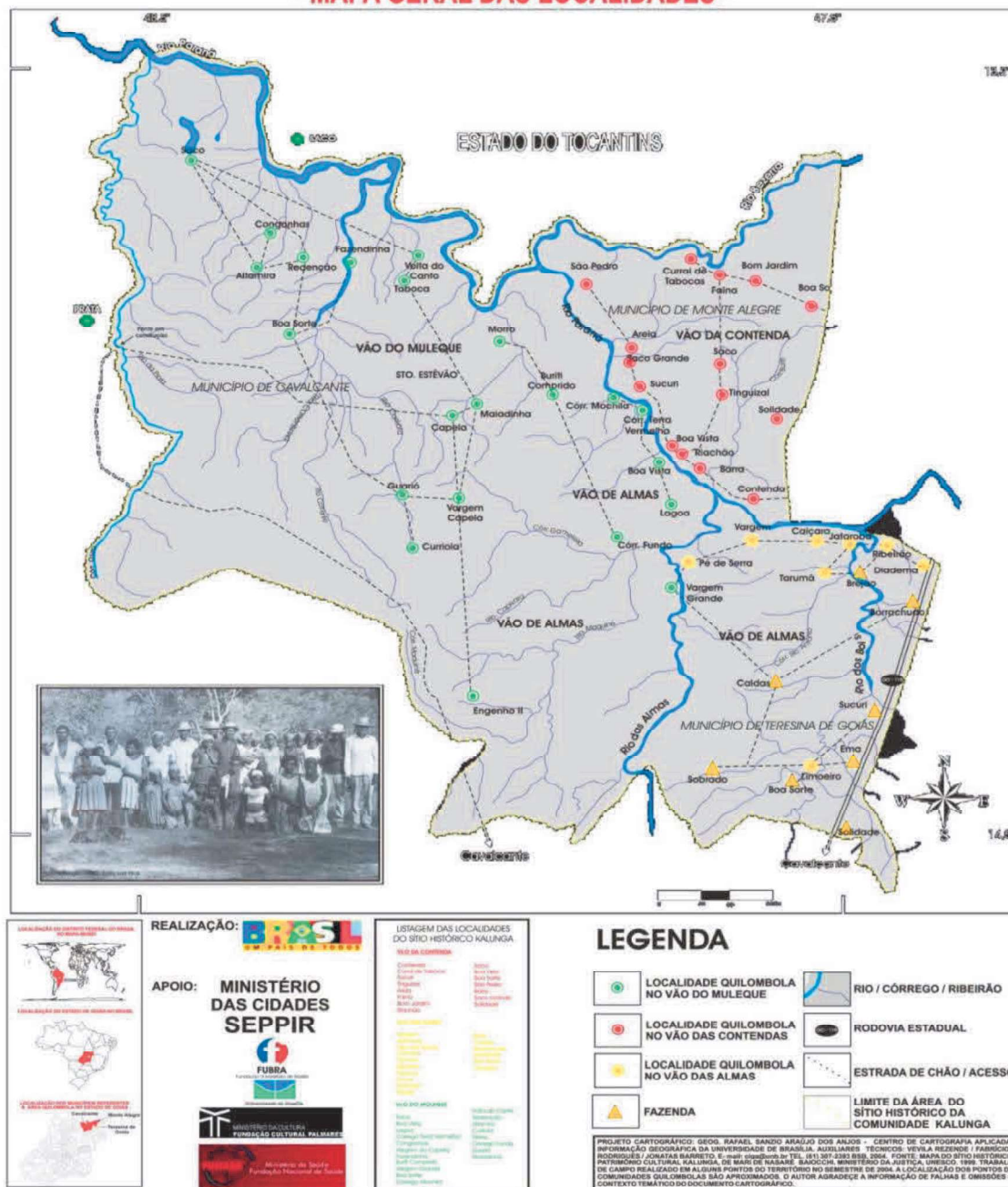


Imagem 18 - Xiôô/Manjerição de Cheiro

ANEXO III: Mapas de acessos e localização

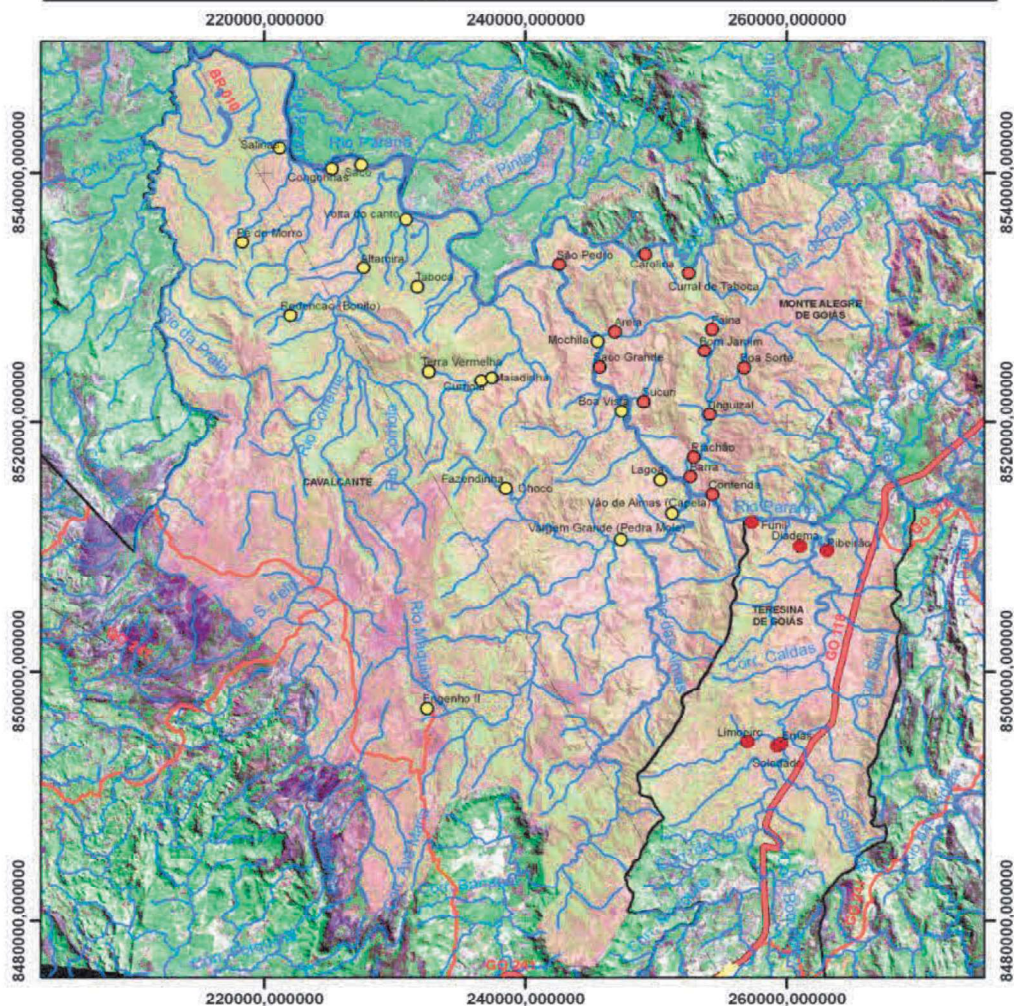
Imagem 19

SÍTIO HISTÓRICO E CULTURAL DO REMANESCENTE DE QUILOMBO KALUNGA - GO. - MAPA GERAL DAS LOCALIDADES -



Fonte: ARAÚJO, Rafael Sâncio Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília. Fonte: Mapa, BAIOCCHI Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, Ministério da Justiça Unesco 1999).(Trabalho campo realizado em alguns pontos do território, Governo Federal, Ministério das Cidades, SEPIR, FUBRA, MinC 2004).

Sítio Histórico Kalunga: Comunidades por Município



Legenda

Comunidade		
● Monte Alegre de Goiás	—+—	Ferrovia Programada
● Cavalcante	—	Leito Natural
● Teresina de Goiás	—	Paviment. Via Simples
Hidrografia	—	Planejada
 Perímetro Urbano	Limite Municipal	

Fonte: Trabalho de Campo e SIG-Goiás - Superintendência de Geologia e Mineração - SIC
 Imagem: Landsat TM 5, 6/2007
 Bandas: 2B, 3R e 4G

Projeção: UTM
 Datun: SAD-69
 Data de Confeção: 08/2009
 Autor: Vinicius G. de Aguiar
 CREA: 15.936/D-GO

